







DUPI OS  
ANTOLOGIA POÉTICA  
DUPLOS







Mírian Cerqueira Leite  
Maurício de Carvalho Gervazoni

DUPI OS  
ANTOLOGIA POÉTICA  
DUPLOS

1ª edição

*Miró*  
EDITORIAL

2014  
São Paulo





Copyright © 2015 1ª edição Mírian Cerqueira Leite e Maurício de Carvalho Gevazoni  
Copyright © 2015 Miró Editorial Ltda.

**Editor**

Márcia Lúgia Guidin

**Diagramação de capa e miolo**

WK Editorial

**Ilustração de capa**

Elaine Alves

**Preparação de texto e revisões**

Cecília Madarás

Diego da Mata

**Impressão e acabamento**

Digital Page

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Leite, Mírian Cerqueira

Duplos : antologia poética / Mírian Cerqueira

Leite & Maurício Gevazoni . -- 1. ed. -- São Paulo : Miró  
Editorial, 2014.

ISBN 978-85-62381-36-2

1. Literatura brasileira : Antologias 2. Poesia brasileira

I. Gevazoni, Maurício. II. Título.

14-10857

CDD-869.9108

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Antologia : Literatura brasileira 869.9108

ISBN 978-85-62381-36-2

Para adquirir esta obra, entre em contato com:

[editorial@miroeditorial.com.br](mailto:editorial@miroeditorial.com.br)

Visite nosso site: [www.miroeditorial.com.br](http://www.miroeditorial.com.br)

**Miró**  
EDITORIAL

Miró Editorial Ltda.

Rua Augusta, 2676, cj. 143.

CEP 01412-100 – São Paulo – SP

Tels. (55) (11) 3063-3390 / (55) (11) 3532-3342





*Para meus filhos Maurício, Marcus e Mauro.*  
Mírian

*Para meus filhos Luiza, Breno e Raul.*  
Maurício









## ÍNDICE

|                |                      |     |
|----------------|----------------------|-----|
| <b>LUA</b>     | Profundezas da alma  | 15  |
| <b>MARTE</b>   | Luta pela vida       | 43  |
| <b>TERRA</b>   | Andarilho errante    | 65  |
| <b>NETUNO</b>  | Profundezas do ser   | 95  |
| <b>VÊNUS</b>   | Emanações do amor    | 117 |
| <b>SOL</b>     | Consciência radiante | 133 |
| <b>SATURNO</b> | Atemporalidade       | 151 |







## PREFÁCIO

Quando o li o título desta obra, de imediato duas ideias ocorreram-me: será que o livro trata da temática do duplo? Ou assim se denomina devido à existência de dois poetas? Como é sabido, o fenómeno do duplo tem sido abordado constantemente na história da Literatura.

Em termos de imaginário, trata-se de um sujeito plural ou binominal que tenta substituir-se pela usurpação da identidade de terceira pessoa, seja por razões de insegurança, de tristeza, de apatia, solidão, ausência ou morte, entre outros. Tratando-se de um livro de poesia e, mais propriamente de uma antologia, penso que o título se refere à autoria, uma vez que é composto por dois poetas, dois “eus” líricos, duas vozes distintas. Que retratam, anunciam, denunciam, amam e odeiam em simultâneo. Trata-se de uma obra muito bela e rica em simbolismo, em que os autores deixam fluir a criatividade poética de forma espontânea e transparente e a transmutam, associando-a ao sistema solar.

Esta simbologia, de acordo com Jung, encontra-se enraizada no nosso subconsciente e, pela sua especificidade, pertence ao inconsciente individual e ao coletivo. Deste modo, *Duplos* obedece a temas relacionados com aquela simbologia. Assim, os poetas nos presenteiam com poemas que descrevem as especificidades de cada um dos astros do sistema solar: Sol, Vénus, Terra, Lua, Marte, Neptuno, e Saturno.

Mírian e Maurício recorrem a uma poética sensível e bela e convidam-nos a descobrir e a deambular pelos vastos campos da consciência individual e coletiva. Os poetas falam-nos do sonho, do espelho da alma, da tristeza,





da saudade, da alma esvaziada de ilusão e de paixão, do abandono, da solidão, da tristeza, da aspereza da vida e dos percalços dos seus longos caminhos.

Falar de Mírian é falar de simplicidade. De beleza interior. De amor pela vida. Da promessa da salvação eterna. Cada verso de Mírian é um grito que jorra das entranhas. Com uma voz genuína. Intensa. Ela presenteia-nos com uma paleta recheada de emoções e de sentimentos, onde o sonho, a alma, o choro, a tristeza, a saudade, o abandono, as sombras passadas, a solidão e as noites vivem imemoravelmente. A sua poesia respira profundas metáforas e corre por caminhos ínfimos, de palavras, de memórias e de desejos amordaçados, todos transmitidos com simplicidade e naturalidade. São constantes os elementos ligados à natureza, como a água e o mar. A cada verso há um pulsar da alma, onde a voz do silêncio e a do amor se entrelaçam. Unido a um elo do destino, o silêncio toma a forma de um vulto, caminha, sente e respira as propriedades do ser humano, tal é a personificação e a intensidade revelados pela poeta.

Falar de Maurício é deveras um desafio. Ler a sua poesia é colocar em órbita todos os nossos sentidos. É prostrarmo-nos perante uma colorida tela semântica, cuja linguagem adquire feições imagéticas, encantadas, onde ecoam vozes e música oriundas das mais variadas temáticas. Assim, fala-nos o autor da infância, do sofrimento que o torna um errante na busca de sonhos. O poeta fala da liberdade, da natureza, da linguagem da lua, dos sentimentos dos planetas, da vigília do sonho, dos anjos invisíveis, dos deuses apaixonados. E recorda os legados culturais de Camões, de Pessoa, da sombria realidade, da condição existencial do poeta, da sua imaterialidade, da sua efemeridade, da fragilidade do universo





mental e físico – enfim, quão rica e versátil é a sua temática! Seus versos são autênticos e transparentes rios que serpenteiam pela alma. Onde navegam sentimentos diversos. A luta. A persistência. A convalescença existencialista. A saudade da infância, da amizade genuína, das ligações eternas, da adolescência.

E todos estes estados de alma nos são transmitidos de forma intensa e duradoura, num espelho arrebatador de metáforas em que o eu poético se move agilmente, numa torrente espiral de lutas constantes e de desavenças com os mundos interior e exterior. O sonho, a liberdade, o eterno, são permanentes e, de forma metafórica e personificada, constrói-se a vida e alongam-se os abraços da fantasia e do tempo. Cada verso seu é o desabrochar de uma mensagem. O rasgar do sentido das palavras, a absorção intensa de todo o néctar linguístico. A procura constante de um mundo melhor, de um mundo puro, levado pela magia. E o resultado é a dor, pela impossibilidade de atingir esse estado de pureza. Tudo isso se deve ao facto de o sujeito ser alguém que pertence aos tempos modernos, um subproduto e um elemento da sociedade em que as pessoas vivem para si mesmas sem se preocuparem com os outros.

Navegam no livro um punhado de diamantes vestidos de metáforas, de imagens, de personificação, e as pausas semânticas (pontos finais, vírgulas e reticências) estão ao rubro, e expressam a emoção ao mesmo tempo que reproduzem a realidade de forma objetiva. Meus sinceros parabéns e agradecimentos aos poetas por me terem convidado para prefaciar este belo livro.

*Adnilo Lotus de Carmim*

Escritora e ensaísta portuguesa,

Licenciada e Mestre em Literatura pela Universidade do Porto.







# LUA

## PROFUNDEZAS DA ALMA

“Tentei descobrir na alma alguma coisa mais profunda do que não  
saber nada sobre as coisas profundas. Consegui não descobrir.”  
**Manoel de Barros**









## IDÍLIO

Sonhei  
Que a noite não amanhecia  
Não amanhecia.  
Das janelas da minha alma  
Vi o céu que se rasgava em nesgas  
De obscura claridade,  
Entre prateadas brechas  
Lá nas alturas da cúpula celeste  
Estrelas salpicavam o contorno  
Do teu corpo de luz.  
Crescia em nitidez.

Surgias tu,  
Belo  
Singelo e mudo  
Calado, fundo,  
No meu corpo-saudade,  
A cúpula dos desejos do mundo  
Rompendo o pacto obscuro  
Da minha pseudoviuvez.

Como sombra deitando sonolência,  
Sobre o abdome das noites  
Senti  
Teu beijo-síntese adormecido  
Selar minhas pálpebras vigilantes  
Para não mais despertar  
Desse sonho  
De nunca amanhecer.

*Mirian*





## SONHADORAMENTE

Tique-taque, tique-taque,  
Na cama estou deitada  
Passada a hora de dormir.  
Tempestuoso é o tempo lá fora,  
As nuvens cinzentas suam,  
Imagino eu, aqui dentro.  
Gotículas com cheiro de mar  
Ondas de calor  
Sinto-me angustiada, dormente...

Tique-taque, tique-taque,  
O nervo vago me aprisiona,  
Entre lençóis úmidos e febris  
Que enxugam incessantemente  
As memórias prementes suadas  
Da assustadora mente irrequieta  
Do pulso cardíaco em prelúdio  
Indícios do fim da gestação,  
Da mudança de uma estação.

Tique-taque, tique-taque,  
Quando o “desperta dor” alarma,  
Toda época para  
No coração disparado.  
O sino da amígdala no templo,  
Em solteira badalada,  
Embala-me nos braços de Morfeu  
Despertando,  
Libertando o corpo do tempo.





E no silêncio da acústica mente  
Vibra o solitário som do eu.  
Nesta noite que me vara  
Sinto raios da alma  
Eletrocutando meu corpo,  
Acordando meu Anjo,  
Em brilho fremente,  
Candidamente tomada.

Há encontro veemente  
Amigo alado ao meu lado  
Sorri fantasias em voo velado  
Inspirando as cinzas do meu outono  
Expirando as cores da primavera  
Respirando mistérios dos aromas primeiros  
Soprando um vir através da semente,  
Mente que docemente germina  
Caminha... sonha.

Foi acamada na escuridão  
Entre as mortalhas molhadas de outono  
Com o sudário cobrindo os olhos  
Alimentando-me da febre clemente  
O tocar do sino de Belém.  
A sina me fez abrir a janela  
Alimentou a luz das minhas estrelas  
E me iluminou.

Junto ao Anjo eletricamente ligada  
Ciclicamente viajamos  
Voamos elipses entre o negrume e o clarão.  
Refazendo-me das cinzas





Eu sonhei novamente  
Em arcos, tocando amores primaveris;  
Em íris, colorindo um jardim florido  
Lavando a alma investida  
Irmãmente ligada ao corpo e ao espírito...

*Maurício*





## PRECIPITAÇÃO

Ainda chove.  
Mergulho entre o viés dos pingos  
Como quem atravessa as cortinas do tempo

Meu corpo se interrompe  
Se rompe  
Em partículas úmidas  
Que chovem sobre as cachoeiras.

Refaço-me  
Nas corredeiras diamantinas  
Meu corpo,  
Tule de madrepérolas  
Precipitado,  
Navega e esvoaça  
Por entre alabastros  
Se adelgaça.

Às margens da lembrança  
Nascente de escondidas águas  
Surges

Ainda chove.  
Afloro a afluência das águas  
Como quem se derrama e se escorre...  
Enlaço-te em sutil abraço

Tu,  
Líquida saudade em mim  
Que não morre.

*Mirian*





## MISSIVA

Amarrei no meu olhar de pombo-correio  
Uma carta-bilhete  
Que perfumei com todos os aromas  
Das mil flores de um ramalhete  
Ali dizia do meu canto  
Do meu riso mais brando  
Dizia do quanto teu existir me tecia  
Em anúncio de carícia  
Nas tramas entrelaçadas  
Pelos laços de nossas vidas  
Desvencilhadas.

À beira da amurada  
Meus olhos soltaram meu olhar  
Que voou além dos horizontes  
Atravessou espumas e nuvens  
Todas juntas e de um jeito só  
Sobre as terras de além-mar.  
Sobre os mares de longínquas terras  
Submersas em promessas vagas  
Em indecisas marés baixas  
As ondas avançavam e recuavam.  
Meu olhar não tinha onde pousar,  
Mas voava altos voos rasantes  
Incessantes.

Em sua busca alucinante  
Perscrutava em seu destino:  
Por dissonantes ventos passara  
Por chuvas de desatinos  
Desfazimentos tantos





Que a carta orvalharam.  
Nos amanheceres dos desencantos  
Nos arremessos do dia, não mais havia  
Nem céu, nem mar, nem aromas, nem carta.  
Dispersado nos nevoeiros

Da vida inalterável  
Meu olhar  
Não tem mais para onde olhar.

*Mirian*





## PRONOMES POSSESSIVOS

Sinto no Éden adentrar  
Liberdade incondicional  
Um acordar da paz pronominal...  
É que no Paraíso só tem verbo e ar  
Sem corpo, a alma enterrar  
Só há vontade de mergulhar  
E a calma... meu mar  
Em ondas... me amar

Lá não se é cor, aquarela-se  
Pingando luz na paleta, enxerga-se  
No alumiar pincel que desfaz a tela, lembro-me  
Esvaido na coração desprendida... aprendo-me...  
Desconheço onde acabo  
Meu começo é pelo fim  
A parte que me cabe  
Inconcebível no todo, em fim.

Vi lá no céu anil incolor,  
que não existe amor próprio  
Só o próprio amor  
É ausente saudade que liberta a dor  
Desnecessários são os pronomes  
Reflexivos, possessivos ou pessoais.  
Não se pronunciam nomes  
Onde reinam épicos ideais  
Lá em mim, não resistiu nem o que é teu  
Que junto ao meu vanesceu  
Desaprendi tudo. Nada nosso é de lá do céu  
Passados os portões ficamos ao léu.







Eu, tu e eles  
Nós, vós e “Ele”  
Todos eternos substantivos conjugados  
Nas mesmas rezas finitas e indefinidas...

*Maurício*





## MEUS PENSAMENTOS ESTÃO PEDRAS

Depositados no profundo oceano  
Escondidos nas andanças  
Nas irretratáveis lembranças  
Dos sonhos percorridos em desengano.

Memórias que encarcerei em calcário  
Em conchas as dores diversas  
Dos amores que transmudei em pérolas  
Naquele fundo do mar que é meu relicário.

Passei muito tempo a tratar as jóias  
Valeu a pena que adotei para os poemas  
Algumas pérolas já logro versar  
Outras ainda terei que aguardar

Ostras a guardar  
Nas águas  
Do mar  
As pedras nuas.

*Maurício*





## FEZ DIFERENÇA PARA UMA ESTRELA

Outro dia anoiteceu  
E uma estrela-do-ar, à margem de quaisquer marés  
Foi lembrança da ternura enterrada na areia  
À espera negra do próprio esquecimento  
Imóvel, sete palmos abaixo de si mesma.

Noutra noite, amanheceu  
Fizeste-a brilhar acolhendo-a em teu mar  
Quando umedecendo a seca pele lhe reanimaste a luz  
Foi no fundo do lar que ela pulsou novamente.

Foram as hesitantes ondas, as idas e vindas espumantes.  
Destas escumas que alcançaste o braço, em úmido  
abraço.  
Incluindo-a, fizeste a diferença na constelação.

Levando água àquela sedenta partícula  
Embeddou de esperança toda a galáxia  
Afastando a escuridão do esquecimento de si, num  
gesto.

Retornando a estrela ao mar vívido  
Entumecendo com carinho o corpo esquecido  
Enriqueceste a via-láctea do oceano com mais luz.

*Maurício*





## SEM DESPEDIDAS

Tua partida foi seguida  
De distância e singular silêncio

Tudo foi consumado  
No *sfumato* de um rastro de giz  
Choros banharam lápides  
Pálpebras cerraram luzes  
Bocas emudeceram gritos  
De grilos e vaga-lumes

Tudo foi consumado  
Das pedras às plumas  
Num átimo já não estavas  
Seguias nas nuvens pelo mistral  
Passaste por mim como belo Arcanjo  
Te senti vibrar  
Em harpas nas cordas do meu ser

Solferino amor  
Tu passaste  
Assim num escudar  
Para que eu não precisasse sofrer

*Mirian*





## DESATINO

Vida seca  
Cortada de abandonos  
Vida de coisas  
Deixadas para lá  
Desfiando fios  
De nuvens perdidas  
Desassombrando caminhos  
Secando trilhas  
Descaminhando rios.

Vida seca que segue  
Cortes e recortes  
Vida de tralhas  
Empilhadas em acúmulo  
Amontoando paradas  
De sombras passadas  
Revelando cantos  
Escancarando portas  
Anoitecendo dias e poeiras.

Vida seca que conforta  
Abandonos, cortes e recortes  
Vida de embrulhos  
Em pacotes fechados  
Apertando fitilhos e laços  
Escurecendo futuros  
Ocultando saídas e abraços  
Fechando fendas e frestas  
Amanhecendo noites sem festa.



Vida seca esta  
Que agora  
Chora e implora.  
Ainda há vida  
Lá fora?

*Mirian*





## ESCULTURA DIÁFANA

Nossas conversas  
Nunca foram de se jogar fora  
Cantávamos palavras em versos  
Nossos silêncios  
Nunca foram mudos de sentido  
Respirávamos histórias de amor  
Nossas mãos  
Nunca se entrelaçavam  
Abraçávamos nossas almas  
Nosso beijo  
Nunca foi selado  
Trocávamos o hálito divino  
Nossos corpos  
Nunca se pertenceram  
Éramos um em nós...  
Quis o destino do nunca  
Que nossos andares jamais fossem  
Lado a lado  
Quis a vontade suprema do nunca  
Que nossos corações  
Se apartassem  
Que nossas mãos  
Se desapertassem  
Que nossas almas  
Em dimensões outras  
Sem palavras  
Sem caminhos  
Sem calor



Seguissem suas sinas  
Desprovidas de sonhos  
Esculpidas  
Golpeadas  
Pelos cinzéis  
Do Amor.

*Mirian*







## SOPRO

Chegavas em silêncio  
Mas eu sabia que chegavas  
De passos mansos  
Quase não pisavas  
Pairavas  
Em inebriante cheiro  
Feito chuva na relva  
Feito terra molhada  
Feito capim recém-cortado.  
Ah! O teu cheiro  
Esse chegava primeiro.  
Vinhas em seguida  
Em compasso  
De quase despedida.  
Nosso tempo era pouco  
Pouco menos do muito  
Que esperávamos  
Durava um hálito  
Fremido  
Deixava  
O som de um gemido  
O silêncio agora  
Chega pisando ruidoso  
A relva macia  
A terra seca  
A chuva escassa...  
Passos sem compassos  
Desafinados  
Ficas  
Na alma



Que me entenece  
Em serenidade  
Na calma  
Da vacuidade  
Que a tua presença  
Enfeitou  
Com adornos  
De saudade.

*Mirian*





## LOUQUIDÃO

Oh! Mente inquieta  
A beber no cálice tinto da solidão, a triste louquidão do  
poeta.  
E quanto mais nítido d'alma estou, mais louco e só eu sou.  
E não tem recinto que me acomode,  
sem que mil pensamentos me incomodem.

São estas abelhas espremidas.  
Espíritos a zunir nos ouvidos  
Por Deus. Que me libertem,  
expressando-se já!  
Ides a zumbir dentro daqueles Zumbis...  
Espetando-lhes as palavras em ferroadas  
Dando-lhes de beber mel d'alma em petardos.

São meus doces venenosos versos,  
desferidos tóxicos em soros e vacinas  
Para curar os doentes e feridos  
Para acordar os mortos-vivos do mundo,  
amorfos, cegos e surdos.  
Pois que é de ouro espinhoso  
A coroa que me reveste a fronte  
Minha dádiva hereditária.  
Que pesa a cabeça e verga o tronco

Um dom maldito, esta percepção frenética,  
E a meditação que me causa enxaqueca  
Obrigam-me a considerar sobre o que eu não entendo  
As coisas várias e as avarias das coisas,  
tudo e todos...  
Se dizem gente aqueles avatares.





Conheço aves que assoviam Mozart.  
As jubartes, quando ninguém vê, dançam entre nuvens a  
luz do luar.  
Há fome de vida e há de pão. Faz-me falta a companhia  
de um irmão

Louquidão, minha melhor amiga,  
meu declínio derradeiro, a incompreensão.  
Fui sempre o que me tornei?  
Só um pensador louco?  
Rouco por soprar trovas ao ar.  
No cume é onde ecoam minhas lufadas  
Por que não me escutam?  
Talvez eu saiba.

A multidão que sobrevive está ao sopé do vento  
Sob os pés, pastores de anjos e demônios  
Famigerada é a vastidão de suas crenças  
É doído pensar assim... doído.

E pesa-me esta consciência sem horas vagas  
E pouco importa onde esteja, o que faça.  
Trêmulo, já não percebo mais a residência  
Esvaíram-se no ar a pele e os músculos.

Sobraram-me somente os ossos do ofício...  
Assombrando-me  
Peno só de pensar  
Quantos morrerão penadas almas.

Ah! Às vezes me faz falta a sepultada inocência...  
De quando era homem e ignorava o menino  
Meu corpo dormente,  
Somente instrumento de labor





O zum-zum-zum das abelhas, canção de amor  
Os passarinhos no ar planavam seus assovios  
E as baleias no mar nadavam a sós,  
longe de mim, qualquer discernimento.

E amigos iludidos como eu estavam  
E meu amor resistia.  
Em sarcófago de vidro dormia  
Alma branca de neve a hibernar.

O poeta não caminhava no homem  
E o homem enevoado se entorpecia em brisas  
As ideias escondidas na colmeia tinindo  
Silenciosas, zoando baixinho, quietamente...

*Maurício*





## AVESSO DE MIM

Vivi escondida  
Naquilo que não fui  
O que fui não se revelou  
Dancei a canção do silêncio  
Preenchendo o vazio  
Desse nada que se expande  
Ecoando vozes estanques...  
Como montanha solitária  
Que não se ergue  
Noturna adormeci passos  
Que não me escalaram

Recolho-me no cansaço  
Das mãos de neblina  
Que na aurora me desfazem  
Em líquidos brilhos  
No súbito rapto  
Dos raios do sol

Sou sombra sem corpo  
Sou noite sem lua  
Sou o que ser  
Já não importa.

*Mirian*





## O GIRAR DA VIDA

A memória vai levando embora  
Do jeito que só ela conhece  
Esse meu jeito desajeitado de agora  
Que me faz anoitecer quando amanhece.

É a vida que vai viajando junto  
Com as palavras que perderam a hora  
De serem ditas ou quem sabe ouvidas, me pergunto  
Para que essa esperança ainda embarca e implora?  
Acordar e saber que raia o dia  
No brilho do meu olhar triste  
É viver desencrespando em lisura o fio que se fia  
Nessa roca que grita teu nome desde que partiste

Nessa roda que gira e gira sem fim  
Desenrolando meu riso que se tece sem trama...  
Na sofreguidão dos desejos amordaçados por mim,  
É que se calam as manhãs, as palavras e da vida o drama.

*Mirian*



## CARBONO

Ermo o ponto cinza de grafite no círculo  
Curvas sem fim, nem começo, nem propósito  
Aflitos e cinzas, solitários no disco  
Tocando sempre o mesmo som,  
Na brancura infinita de um papel  
Sequências intermináveis de um tom  
Pontos de uma existência vã  
Cinza, grafite  
Quantos circundam emitindo a mesma nota?

Sonho  
que um pequeno ponto desgarrou em linda letra de  
forma  
Formou-se  
E depois do A, veio B e a palavra  
A frase e o sentido: Música!  
A folha de papel nunca mais foi a mesma  
Pois, agora, se existem esferas incontáveis de um tom,  
Também há pontos capazes de realizar sinfonias  
Escritas, tocadas, sentidas...  
Um ponto cinza no círculo é promessa latente  
Escolha entre estar e ser

Se o grafite transmuda em ponto e o ponto em frases,  
Quanto tempo tornar-se-á uma frase diamante?  
Como o próprio grafite o faz nas profundezas da terra...  
Converte-se

